

EXTRATIVISMO CONTROLADO VOLTADO PARA A
PRODUÇÃO DE ÓLEO VEGETAL NA REGIÃO DO
NABILEQUE DE MATO GROSSO DO SUL:
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, GERAÇÃO DE RENDA
E DE RIQUEZA SEM AGRESSÃO AO MEIO-AMBIENTE

Coordenador: Prof. Dr. Flavio Aristone
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Novembro de 2005

Resumo

A aplicação deste projeto visa aproveitar uma riqueza natural abundante do Estado de Mato Grosso do Sul e que até o presente momento tem sido completamente desprezada, tanto por falta de conhecimento da população como por falta de recursos para começar uma empreitada de sucesso. Alias, existem várias riquezas em Mato Grosso do Sul que ainda não são devidamente aproveitadas. Neste projeto propomos focar esforços para desenvolver uma região inteiramente nativa e onde o extrativismo controlado só tende a trazer um desenvolvimento sustentável sem nenhuma agressão ao meio-ambiente. Estamos falando sobre a região Oeste do Estado, próxima à região do Nabileque, onde há uma área de aproximadamente 150.000 (cento e cinquenta mil) hectares de mata nativa de Acuri (*Scheelea phalerata*), também chamado de Bacuri ou Urucuri, sempre com entonação na última sílaba. Pretendemos instalar quatro prensas de médio porte em pequenas cidades circundando essa área e incentivar as populações locais (através de pagamento) a colher os frutos que estiverem por terra. Somente serão comprados os frutos maduros, os frutos verdes que ainda estão nas palmeiras devem ali ficar e não serão comprados. Assim garantimos que não haverá depredação alguma. Esse fruto, um coco com produção durante praticamente o ano inteiro, tem alta concentração de óleo, tanto na polpa quanto na amêndoa. Já existe ao menos uma grande empresa no Paraguai que funciona nesse sistema de extrativismo e essa empresa apresenta lucro ano após ano. Esse é somente mais um argumento para justificar a validade de um projeto como este, que está condenado a ter resultados positivos, bastando que a logística seja montada corretamente para evitar desperdícios e otimizar todas as diferentes etapas a serem realizadas.

I. INTRODUÇÃO

O estado de Mato Grosso do Sul tem um potencial enorme para se tornar um dos mais importantes no que se refere ao agro-negócio brasileiro. Diversos fatores positivos são facilmente levantados e comprovam essa análise. Sua superfície é quase do tamanho da França (maior País em área contínua da Europa) com uma população extremamente reduzida (aproximadamente somente dois milhões de pessoas). É uma região tropical, cortada pelo trópico de Capricórnio e com uma média de 300 dias de sol radiante por ano, sem por consequência apresentar temperaturas médias muito elevadas.

Em uma situação hipoteticamente perfeita, o extrativismo pura e simplesmente não deveria existir, pois todas as áreas deveriam estar em equilíbrio e mesmo matas nativas seriam manejadas e controladas, e nesse caso o extrativismo se confundiria com colheita. Porém, uma região com tão grande potencial como é o Mato Grosso do Sul no mundo real em que vivemos não pode se dar ao luxo de esperar que isso venha a acontecer, sob pena de não ver esse potencial se transformar em realidade. Um potencial só tem valia se pode ser convertido em riqueza, ainda que somente em parte.

O Mato Grosso do Sul tem grandes áreas inexploradas e cobertas de vegetação nativa com grande interesse econômico. A questão mais atual é como fazer uso dessas riquezas sem agredir ao meio-ambiente, ou ainda melhor, ajudando o meio-ambiente a otimizar suas condições. Veremos em detalhes mais adiante o que entendemos por essa afirmativa, na seção III.

Este projeto visa unir diferentes fatores de forma a agregar forças de forma construtiva, gerando riqueza para comunidades completamente carentes próximas da região do Nabileque, através da geração de renda de famílias individuais. Essa geração de renda se dará pela simples coleta de frutos dos Acurizais nativos que existem em grande quantidade no Oeste de Mato Grosso do Sul.

Programas semelhantes já existem em diferentes áreas do Brasil e todos eles têm apresentado excelente resultados. O mais conhecido é o exemplo das quebradoras de babaçu do Maranhão. Hoje elas estão organizadas em Cooperativa e o óleo que produzem catando babaçu é em grande parte exportado, sendo que outra parte elas mesmo utilizam para fazer sabonetes e vender no mercado interno.

Também existe um programa semelhante na divisa de Mato Grosso com o Amazonas, onde as populações ribeirinhas são pagas para recolher cocos (sem distinção) na floresta. Em geral eles colhem Acuri, Buriti, Bocaiúva e Babaçu. Essa reportagem foi apresentada no Globo Rural em 2004 e ficou claro que a população que antes tinha muitas dificuldades para inclusive se alimentar, hoje está contente por poder contar com uma fonte de renda regular que lhes permite fazer planos para suas vidas futuras. Mais do que a geração de renda, houve uma efetiva inclusão social, com essas pessoas adquirindo o sentimento de cidadania, o que é fundamental para se fortalecer um País, sob todos os pontos de vista.

Outro importante exemplo vem do País vizinho, o Paraguai. Recentemente empresários daquele País vieram ao Mato Grosso do Sul procurando instalar uma usina de óleo de bocaiúva, obtida por extrativismo. Esses empresários já têm uma firma

funcionando nesses moldes em seu País há quatro anos e o sucesso obtido por lá, junto com as estimativas de quantidade de bocaiúva existente em Mato Grosso do Sul, deu-lhes o animo necessário para virem investir aqui. No entanto, por razões que lhes são particulares, eles estão focalizados na extração do óleo de bocaiúva e irão instalar a usina na região Sul do Estado, próximo à fronteira com seu País.

Por todos esses motivos citados acima já se pode imaginar que este projeto, se devidamente financiado e implementado, está destinado a ter bons resultados. Mesmo que o financiamento não venha de imediato, um dia esse potencial será aproveitado por alguém. A questão que se coloca é: quanto tempo mais teremos que esperar para começar a desenvolver aquela região e aproveitar uma riqueza que por enquanto está sendo desperdiçada?

Na seção II seguinte detalharemos os objetivos geral e específicos deste projeto. Na seção III apresentamos um plano das atividades a serem desenvolvidas. Na seção IV discorreremos sobre os resultados esperados e na seção V especificamos os itens a serem financiados durante a validade deste projeto.

II. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

O objetivo principal deste projeto é provar a viabilidade econômica de uma atividade de extrativismo controlado em perfeito equilíbrio com o meio-ambiente. A preocupação com a preservação das fontes naturais de riqueza norteia as atividades em nossa sociedade e isso é louvável. O extrativismo tem deixado de ser visto como uma atividade depredadora e maléfica, como era praticada antigamente, principalmente pelos colonizadores deste continente, que visavam somente a enriquecer o lado de onde eram originários, sem se preocupar com os resultados nas terras exploradas.

Hoje todos têm a consciência de que preservar é um dever global. Isso, porém, não significa que não pode haver uma forma de extrativismo controlado, mesmo porque um manejo racional de áreas nativas pode ser benéfico tanto para quem maneja quanto para a própria natureza. O exemplo da floresta de Acuris à qual nos referimos neste projeto é muito bom para demonstrarmos o que queremos dizer por manejo controlado. A distribuição das Palmeiras de Acuri na floresta é aleatória e uma consequência básica é a competição entre essas árvores, fazendo com que a produção de frutos seja reduzida. Um manejo da floresta nativa significa diminuir a número de pés de Acuris em áreas de grande concentração, assim como fazer a semeadura onde eles forem escassos. Podemos usar os parâmetros das plantações de Palma – mais conhecida como Dendê – para controlar os espaços entre Palmeiras de Acuri. No caso do Dendê já se sabe que a competição entre plantas vizinhas é muito reduzida quando elas estão separadas por um raio de pelo menos da ordem de 3 metros. Essa separação faz com que cada planta de Palma tenha uma produção maior do que se “coladas” umas as outras. Mesmo com uma densidade maior de Palmeiras nesse segundo caso, a produção de frutos é menor e de menos qualidade do que no caso em que se respeita uma distância mínima de separação entre árvores adjacentes.

No entanto, esse trabalho de manejo controlado deve ser realizado somente numa segunda etapa do projeto. O primeiro objetivo é fazer com que as populações locais, que não têm fonte de renda fixa, entendam que podem começar a gerar renda própria simplesmente indo até a floresta colher os frutos que se encontram por terra. Caberá ao coordenador do projeto juntamente com sua equipe fazer com que a colheita desses frutos possa dar um retorno financeiro de forma a perpetuar o processo. A idéia consiste em usar esses frutos para produzir óleo fino, pois é sabido que o Acuri possui uma grande concentração de óleo tanto na polpa quanto na amêndoa. Note-se que não ficaremos restritos ao uso exclusivo do Acuri como fonte geradora de óleo. Acontece que nessa região em que estamos focalizando o desenvolvimento deste projeto existe uma floresta nativa muito grande de Acuri, mas nada impede que entre essas Palmeiras haja também Bocaiúvas, Buritis, Pindós, etc., que se colhidos também serão convertidos em óleo.

Outro objetivo, porém para um prazo maior, diz respeito à formação de associações dos catadores de coco da região do Nabileque, que em uma perspectiva otimista, mas também realista, irão se transformar em uma Cooperativa, para ter maior poder de negociação de seus trabalhos. Outras formas de aproveitar esses cocos, sem atrapalhar a produção de óleo, existem, como, por exemplo, a produção de artesanato local, usando a casca que protege a amêndoa, cujo nome técnico é tegumento.

III. PLANO DAS ATIVIDADES

A realização deste projeto é dividida em diferentes fases. Uma organização logística otimizada também tem que ser colocada em prática para fazer com que a dinâmica planejada comece a funcionar corretamente. Vamos inicialmente descrever as diferentes fases que se pode visualizar para este projeto, ficando a logística por conta da coordenação.

O primeiro trabalho a ser feito é, indubitavelmente, um mapeamento mais preciso do que os atuais sobre essa área em questão, já conhecida como Acurizal. Uma vez esse levantamento feito, iremos oficializar a idéia de extrativismo junto ao Governo do Estado e das Prefeituras envolvidas. Essa conversa já aconteceu com o Governo Estadual, mas ainda não foi “oficializada”, pois ainda não existem os recursos para o início das atividades, ou seja, por enquanto trata-se de um protocolo de intenções. No entanto, vale notar que o representante do Governo demonstrou um grande interesse na implementação deste projeto e disse dar todo o apoio possível que esteja seu alcance. Algumas prefeituras locais já foram contatadas, e não existem dúvidas de que elas serão as mais interessadas na implementação de uma proposta como essa.

Dado o pequeno limite de verba que se pode vir a conseguir com este projeto, temos que planejar um desenvolvimento mínimo, cujos resultados servirão mais como demonstração do que produção propriamente dita. Pretendemos instalar três estações de esmagamento de coco para a produção de óleo de forma aproximadamente equidistante uma com relação às outras. Envolveremos, portanto, três prefeituras distintas, que em princípio seriam as de Miranda, Porto Esperança e Porto Murtinho.

Cada prefeitura ficará incumbida de dar, a título de contrapartida, um terreno da ordem de cinco hectares para viabilizar o recebimento dos cocos e a produção local de óleo. Dentro de cada uma dessas áreas deverá haver um galpão coberto para a estocagem e o manuseio dos frutos, assim como o armazenamento do óleo produzido.

Em cada localidade deve haver uma pessoa responsável, para garantir a continuidade e a integridade do processo. O óleo produzido será estocado em recipientes apropriados e transportado para os centros consumidores quando atingir quantidade suficiente. O transporte será feito através de contratação, quando for necessário.

IV. RESULTADOS ESPERADOS

Como já foi explicitado anteriormente, há uma confiança absoluta nos resultados positivos a serem obtidos pela implementação deste projeto. Podemos dizer que ele está “condenado” a dar certo. O que falta é simplesmente uma coordenação séria e responsável, com um capital inicial de investimento que permita fazer com que todo o processo comece a andar de forma sistemática e ininterrupta.

Embora seja possível fazer estimativas sobre a quantidade de óleo a ser obtida, qualquer número que se apresentar vai estar automaticamente comprometido por parâmetros que nesse exato momento ainda não podem ser corretamente estimados, exatamente pelo fato de ser este um projeto absolutamente inovador, ao menos em Mato Grosso do Sul.

Sempre é interessante, contudo, ter valores mínimos como uma estimativa visando justificar o investimento a ser feito. Neste caso particular, no entanto, acreditamos que o que se deve fazer é colocar limites superiores, pois nos parece inevitável que teremos condições de obter uma grande quantidade de frutos. É claro que essa “grande quantidade” vai depender do preço a ser pago para os catadores de coco, assim como da quantidade de pessoas que se envolverão em tal empreitada.

A certeza que temos é que conseguiremos motivar as comunidades locais para coletar esses frutos. A produção de óleo passa pela formação de técnicos que possam operar as máquinas a serem adquiridas. Essa formação será oferecida pela fornecedora dos equipamentos, conforme acordo prévio já estabelecido em contato de interesse.

O comércio desse tipo de óleo é muito simples, pois existe uma cotação diária em uma parte da BMF (Bolsa de Mercadorias e Futuro) e os preços são muito interessantes. Esperamos que no prazo máximo de dois anos essas comunidades já estejam organizadas para poderem dar continuidade ao que está por ser iniciado agora. Negociando elas mesmo o óleo elas poderão ter um ganho maior, além de uma dose extra de motivação.

Não faz parte dos planos iniciais fazer a comunidade aproveitar esse óleo na fabricação de sabonetes, por exemplo, mas essa possibilidade não está inteiramente descartada, dependendo do interesse e motivação que vierem a ser demonstrados. No entanto, esse caminho é natural para o futuro e melhor desenvolvimento dessas comunidades. Quando eles compreenderem a questão de saber agregar valor ao seu produto para aumentar seus ganhos, sem dúvida começarão a pensar em novos caminhos e a fabricação de sabonetes é somente um deles.

	Contato com famílias	Mapeamento detalhado da área	Aquisição das esmagadoras	Compra dos frutos	Produção de óleo	Avaliação
Março/2006	X					
Abril	X	X				
Maio	X	X	X			
Junho		X	X	X		
Julho			X	X		
Agosto			X	X		X
Setembro				X		
Outubro				X		
Novembro				X	X	
Dezembro				X	X	
Janeiro/2007				X	X	
Fevereiro				X	X	X
Março				X	X	
Abril				X	X	
Maio				X		
Junho				X		
Julho				X		
Agosto				X		X
Setembro				X	X	
Outubro				X	X	
Novembro				X	X	
Dezembro				X	X	
Janeiro/2008				X	X	
Fevereiro					X	X

Tabela 1. Cronograma de atividades a serem desenvolvidas durante este projeto na região onde há uma mata nativa de Acuri da ordem de 150.00 hectares.

V. FINANCIAMENTOS

Partindo do fato que a verba máxima a ser concedida para o desenvolvimento deste projeto é de €100.000 (cem mil Euros), o que equivale a aproximadamente a R\$ 270.000 (duzentos e setenta mil reais) em 04 de Novembro de 2005, montamos uma estrutura para ter três esmagadoras de porte médio, ou seja, capazes de processar da ordem de 300 kg de massa por hora, colocadas em pontos estratégicos como já discutido anteriormente. Também precisaremos adquirir máquinas capazes de despolpar os cocos, assim como quebradeiras do tegumento. Esse trabalho não pode ser feito manualmente sob pena de reduzir a produção a um nível artesanal que a torne não interessante comercialmente.

Talvez não seja possível, devido à desvalorização das moedas americana e européia diante do real, de realizar a compra dos três conjuntos de equipamentos, como planejado inicialmente. Cada conjunto completo dessas máquinas, composto por uma esmagadora com filtro e aquecedor acoplados, mais a despolpadora e a descaroadora, tem um custo de aproximadamente R\$ 70.000,00 (setenta mil reais). Como existem outras despesas que devem ser contempladas para que o projeto funcione, iremos reduzir nossa previsão para a aquisição de somente dois conjuntos de fabricação de óleo, ao menos nessa fase inicial.

Também teremos que adquirir uma camionete, de preferência movida a diesel ou a gás natural, que nos permita percorrer constantemente as áreas em questão para diversas finalidades. Essa camionete trará despesas que têm que ser contempladas no projeto, como documentação e custeio (combustível mais manutenção). No entanto, não se faz necessário que seja uma camionete nova, ou seja, sem uso ou ainda zero km. Podemos muito bem adquirir uma camionete usada por um preço bastante razoável e que servirá muito bem aos nossos propósitos.

Teremos também que contratar as pessoas que ficarão em tempo integral no local onde serão comprados os cocos e onde o óleo será fabricado. Para evitar despesas adicionais inerentes à contratação salarial de técnicos, propomos fazer a concessão de bolsas de trabalho / estudo para estudantes de cursos como Agronomia ou de Desenvolvimento Sustentável das Universidades locais, tanto Federal quanto Estadual.

Finalmente, temos que ter uma reserva técnica para fazer a aquisição dos cocos que forem oferecidos, ao menos até que a produção do óleo comece a produzir resultados e possa ser negociada. Assim sendo, as tabelas abaixo apresentam um descritivo aproximado de como pretendemos utilizar a verba deste projeto caso ele venha a ser aprovado. Guardamos um item denominado “reserva técnica” para cobrir gastos eventuais que com certeza virão a acontecer e que são imprevisíveis nesse momento.

	Custo unitário (R\$)	Custo total (R\$)
Prensa e filtro para produção de óleo	55.000,00	110.000,00
Despolpadora	8.000,00	16.000,00
Descaroçadora	7.000,00	14.000,00
Subtotal	70.000,00	140.000,00

	Custo da tonelada (R\$)	Custo Total (R\$) (Estimativa para 1 ano de compra)
Compra de Acuri coletado	80,00	60.000,00

Item	Valor
Camionete	30.000,00
Custeio	20.000,00
Pagamento de bolsas	10.000,00
Reserva técnica	10.000,00
Subtotal	70.000,00

A soma dos subtotais das tabelas acima resulta em R\$ 270.000,00 (duzentos e setenta mil reais). O valor das prensas foi obtido através de pedido de orçamento e os valores indicados são muito próximos do que deverá ser praticado quando da compra final. Por outro lado, os valores da despolpadora e da descaroçadora são estimados, pois esses equipamentos devem ser feitos sob encomenda. Apesar de serem relativamente simples, sua fabricação quase que artesanal e específica para o que queremos realizar faz com que o valor de cada um não seja o mais otimizado possível.

Com relação à compra dos cocos, estimamos um total da ordem de 800 toneladas de fruto para começar a ter uma produção considerável, que permita fazer com que o óleo obtido já possa gerar renda para as aquisições futuras. Esse valor é o mais difícil de estimar e o total foi obtido de trás para frente, ou seja, preenchemos todos os espaços das outras tabelas primeiro e o que sobrou colocamos para o total de fruto a ser adquirido. O valor por tonelada, no entanto, já é bem estabelecido e está ancorado naquilo que a indústria Paraguaia citada anteriormente se propõe a pagar caso venha a se instalar aqui em Mato Grosso do Sul. Não é difícil verificar que essa estimativa responde aos interesses tanto de quem produz como de quem colhe os frutos.

A compra da camionete está estimada em R\$ 30.000,00 (trinta mil reais), pois é suficiente adquirir uma usada em boas condições. Aproximadamente R\$ 10.000,00 (dez mil reais) serão usados para pagar as bolsas de estudos mencionadas no corpo do projeto. Como verba de custeio nós colocamos a soma de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) para cobrir gastos com combustível, diárias e pagamento de serviços técnicos que venham a ser necessários. Finalmente, separamos R\$ 10.000,00 (dez mil reais) a título de reserva técnica, para cobrir gastos inesperados que venham a ser necessários.

VI. COLABORADORES

É importante mencionar quem serão os principais atores na execução deste projeto. Trata-se de uma iniciativa individual do Prof. Flavio Aristone, mas que logo atraiu a atenção de diferentes entidades. A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul já se mostrou interessada em dar apoio no desenvolvimento do projeto. O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, através da Câmara Setorial do Biodiesel e da Secretaria de Estados da Produção e do Turismo, já explicitaram seu grande interesse no sucesso de tal empreitada. A EMBRAPA também já se prontificou a participar com assessoramento técnico sobre questões que venham a surgir no decorrer da evolução do projeto. Por último e também de grande importância, a ONG (Organização Não Governamental) APREIS enviou um comunicado oficial onde formaliza o apoio a tal empreitada. Seu interesse em projetos como esse é muito grande, pois essa ONG atua a nível mundial na área de desenvolvimento sustentável. Uma das grandes obras da ONG APREIS é a Universidade Mundial Nômade, cuja proposta é ir às regiões mais carentes do Globo com uma equipe de especialistas para discutir e apresentar soluções para problemas locais que atrapalham o desenvolvimento da sociedade local. Por isso, a APREIS entende que este projeto é um excelente exemplo de desenvolvimento sustentável aliado à preservação do meio-ambiente, uma combinação perfeita.

Ao final de dois anos esperamos que as comunidades estejam suficientemente desenvolvidas e envolvidas no projeto para que possam se auto-organizar e fazer todo o processo, desde a colheita dos frutos, passando pela produção de óleo até o comércio do produto final. De fato, é de esperar que eles próprios tendam a querer agregar maior valor ao seu trabalho, iniciando uma produção artesanal de sabonetes, por exemplo, que pode render-lhes um lucro maior. Por outro lado, tendo em vista o grande interesse atual que o biodiesel apresenta, outra possibilidade talvez mais interessante ainda para essas comunidades, tendo em vista o potencial quase ilimitado para o consumo desse combustível vegetal, é eles começarem a usar o óleo que estarão obtendo para transformar em biodiesel. Essa passagem, embora não seja complicada de se fazer, requer um nível de consciência que por enquanto não se pode exigir das pessoas que estarão envolvidas na colheita de frutos na floresta. No entanto, parece claro que com o passar do tempo, e por isso propomos acompanhar o desenvolvimento deste projeto por dois anos, essa consciência virá quase que naturalmente.